



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de contrato de construção de navios da
Transpetro**

Niterói-RJ, 30 de novembro de 2007

Vocês pensam que é fácil ser apresentado pela Fernanda Montenegro?
Não é qualquer um que merece esse privilégio.

Meu caro companheiro, querido amigo, Sérgio Cabral, governador do
estado do Rio de Janeiro,

Meus companheiros ministros Márcio Fortes, ministro das Cidades;
Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de Pesca e Aqüicultura; e meu
companheiro Pedro Brito, da Secretaria Especial de Portos,

Companheiros deputados federais Carlos Santana, Chico D'Angelo,
Edmilson Valentim, Edson Santos e Luiz Sérgio,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES – e
quero estender esse abraço a toda a diretoria do BNDES,

Meu querido companheiro Godofredo Pinto, prefeito de Niterói,

Meu querido companheiro, primo rico da nação brasileira, José Sérgio
Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o Júlio Bueno, secretário estadual de
Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

As deputadas,

Os secretários estaduais,

As secretárias,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Machado, presidente da
Transpetro,



Quero cumprimentar o nosso companheiro Germán, que falou aqui, presidente do Grupo Synergy,

Quero cumprimentar o José Eduardo Dutra, presidente da BR Distribuidora,

Quero cumprimentar o Domingos D'Arco, diretor-presidente do Estaleiro Mauá,

Cumprimentar o nosso companheiro Eduardo Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o Mauro de Oliveira Dias, diretor-presidente da Log-In,

Quero cumprimentar o Carlos Alberto Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos,

Quero cumprimentar o Ariovaldo Rocha, presidente do Sinaval,

O Ricardo Ponzi, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Aquaviários e Afins,

Quero cumprimentar o Severino de Almeida, presidente do Sindimar,

Cumprimentar José de Oliveira Mascarenhas, presidente do Sindimetal Niterói,

Cumprimentar o Joacir Pedro, coordenador do Fórum Intersindical da Indústria Naval,

E cumprimentar a senhora Vanessa Cunha dos Santos e o senhor Luiz Carlos Bitencourt, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores marítimos e metalúrgicos aqui presentes,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Paciência, que o discurso é longo. Há alguns anos, para a maioria dos brasileiros, a Transpetro era apenas o nome de uma subsidiária da Petrobras. Hoje, para milhares de cidadãos, ela tem outro significado: a reconquista da dignidade, a reconquista da cidadania, representada pelo emprego com



carteira assinada, pela certeza de que se está colaborando para o desenvolvimento da nossa nação. E também representa, para muitos jovens brasileiros, que agora passaram a ingressar nas escolas técnicas, a perspectiva de emprego em um setor industrial que voltou a ser sólido e que lhes garantam o futuro como cidadãos.

Os contratos assinados hoje, referentes às encomendas do 4º lote de navios do Programa de Modernização e Expansão da Frota Nacional de Petroleiros, o Promef, simbolizam muito bem a nova identidade da nossa querida Transpetro.

O Programa foi lançado em 2005, em meio a enorme resistência dos céticos, incapazes de acreditar na força e na capacidade da indústria nacional de se reerguer. Afinal, o navio-tanque Livramento, última grande embarcação de origem brasileira, havia sido entregue em abril de 1996. Naquele momento, foi decretada a extinção da indústria naval brasileira.

Apesar desta morte aparente, já na campanha eleitoral de 2002, assumimos o compromisso de garantir um índice de nacionalização de pelo menos 65% nas encomendas da Petrobras, tanto nas licitações de navios quanto nas de plataforma.

Muitos diziam que era impossível, apontavam o risco de ineficiência. Alguns chegaram a acusar a medida de corporativista, como se estivesse em jogo apenas o interesse dos trabalhadores e trabalhadoras metalúrgicas. Pois bem, nós anulamos a licitação da plataforma P-51 e abrimos nova concorrência em 2003. Depois, adotamos o mesmo critério de nacionalização na encomenda da P-52, uma das maiores plataformas de petróleo do mundo, com capacidade para 180 mil barris/dia. O resultado surpreendeu a todos. As encomendas, não apenas foram supridas com absoluto sucesso, mas, em alguns casos, as taxas de nacionalização alcançaram o índice de até 80%, muito superiores ao que havíamos programado.

A construção deste 4º lote de navios será entregue hoje à mais antiga e



tradicional empresa na área naval em operação no Brasil. O Estaleiro Mauá iniciou suas atividades em 1845, são, portanto, mais de 160 anos de conhecimentos acumulados que estavam destinados a se perder na poeira do tempo, caso o Brasil insistisse na política equivocada de encomendar navios no exterior. No mês passado, o Estaleiro Mauá entregou à Petrobras a plataforma P-54, que vai produzir 180 mil barris de petróleo/dia no Campo de Roncador na Bacia de Campos. A verdade é que há menos de 10 anos não havia empregos para ninguém nos estaleiros nacionais. Agora, as vagas se multiplicam, as oportunidades estão abertas para homens e mulheres, a indústria voltou a operar com intensidade e o estado do Rio de Janeiro é um dos principais beneficiados por essa retomada.

O Rio, meu querido companheiro governador, vai fabricar a metade das 26 embarcações de grande porte que a Transpetro encomendou nessa primeira fase de renovação de sua frota. Serão, pelo menos, 11 mil empregos diretos. Além disso, foram encomendados mais de dois mil itens a diferentes setores da economia. Essa iniciativa vai garantir, pelo menos, quatro anos de plena atividade aos estaleiros nacionais, comprovando aquilo que nós sempre dissemos: a indústria naval é um gigantesco pólo gerador de empregos, de oportunidades de riquezas em qualquer país. E o Brasil precisava aproveitar isso.

É importante lembrar, e não esquecer o que eu disse aqui: o meu tempo de emprego é menor do que o tempo de emprego dos metalúrgicos do estaleiro, porque eu falei em quatro anos e eu só tenho mais três anos. Então, significa que vocês vão estar trabalhando e eu vou estar desempregado e vou vir aqui, procurar uma vaga no estaleiro para ver se alguém consegue me arrumar uma vaga, pelo menos para dar palpite.

Minhas amigas e meus amigos,
Todos nós tivemos a felicidade de presenciar aqui mais um marco da revitalização da indústria naval e Marinha Mercante Nacional. Trata-se da



assinatura do contrato da Log-In Logística, empresa subsidiária da Companhia Vale do Rio do Doce para a compra de cinco navios porta-contêiner. A construção desses navios, que foram encomendados ao estaleiro William S.A. (inaudível), do mesmo grupo controlador do estaleiro do Mauá, irá empregar mil trabalhadores e representa um negócio no valor de 700 milhões de reais. É importante lembrar que há 15 anos não se construía navios de cabotagem no Brasil. E essa encomenda de hoje só foi possível graças a uma ação incluída no PAC, meu querido governador. A recuperação de nossa indústria naval, por meio da aplicação do Fundo da Marinha Mercante, com operação a cargo dos bancos federais.

Hoje, felizmente, o Estado e a iniciativa privada acreditam na competência dos nossos trabalhadores e trabalhadoras, acreditam na eficiência da nossa engenharia, acreditam no poder do investimento público e privado para gerar parcerias, empregos, tecnologia e riquezas. Afinal, se o governo e o empresariado de um país e os trabalhadores não acreditam no seu próprio povo e na sua economia, a pergunta é, meu caro Sérgio: quem vai acreditar? E digo mais, nossas conquistas não vão parar por aqui, pois quando uma gente valorosa como a brasileira recupera a sua auto-estima, sua capacidade de acreditar em si, os desafios deixam de ser problemas e se transformam em oportunidades.

Meus amigos, minhas amigas, meus companheiros e minhas companheiras,

Sérgio, você está olhando um conjunto de gente que representa a Marinha Mercante, um conjunto de pessoas que representam os trabalhadores e metalúrgicos do Rio de Janeiro e de Niterói, um grupo de companheiros empresários, o setor financeiro público que está financiando a nossa querida Petrobras, e os empresários dos estaleiros brasileiros. Eu, há 12 anos, passei umas férias no Rio de Janeiro a convite do Luiz Sérgio, que mora em Angra dos Reis, líder do PT no Congresso Nacional, e fui ficar na casa de um



companheiro que, para pegar um barco que ele tinha, eu tinha que, todos os dias, atravessar, na época, o estaleiro Verolme. O estaleiro Verolme tinha meia dúzia de pessoas tomando conta, ferros totalmente enferrujados, e o mato cobrindo os trilhos e todo o material que tinha lá. Eu encontrava na praia de Angra metalúrgico vendendo cachorro-quente, metalúrgico vendendo bijuterias, metalúrgico vendendo roupas, metalúrgico vendendo caipirinha, metalúrgico carregando isopor e vendendo cerveja sem nenhuma esperança de que a indústria naval voltasse a funcionar neste País.

Aquilo, Sérgio, me despertou a idéia de fazer um debate nacional sobre a recuperação da indústria naval brasileira. Não foi uma tarefa fácil. Foi uma tarefa muito complicada. Eu contei com o apoio da engenharia da Petrobras, que dizia que a gente tinha competência; eu contei com o apoio do empresariado da indústria naval, que afirmava que a gente tinha competência; eu contei com o apoio dos sindicatos e trabalhadores do Rio, de Niterói e de Angra, que diziam que a gente tinha competência para fazer. Esse debate durou quase seis meses e é importante que a gente saiba, porque quando a criança nasce, é muito bonito a gente pegá-la no colo e falar “que linda que ela é”, mas ninguém sabe a dor que a mãe teve para poder colocar aquela criança linda nos nossos braços.

Por que eu estou dizendo isso? É porque, neste País, no governo passado, 600 mil trabalhadores metalúrgicos perderam o posto de trabalho, Sérgio, 600 mil em nível nacional. E, graças a Deus, nós já recuperamos 500 mil postos de trabalho no setor metalúrgico brasileiro. Meus companheiros dirigentes sindicais, só neste ano, até outubro, nós já geramos mais empregos do que o governo passado no segundo mandato todo: 1 milhão e 822 mil empregos com carteira assinada. E, se Deus quiser, nós vamos chegar a muito mais até dezembro, mesmo sabendo que dezembro e novembro são meses mais fracos de contratação. Mas, qual é a vantagem que nós estamos levando? É que, Sérgio, você tem uma sorte cavalari e eu tenho uma sorte, eu



diria também, cavalhar, porque ao terminar o nosso primeiro mandato, o que nós lançamos? Tomamos posse no dia primeiro de janeiro e no dia 22 de janeiro, lançamos o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. Anunciamos ao Brasil que iríamos investir 504 bilhões de reais, o equivalente hoje a quase 260 bilhões de dólares. Resolvemos criar programas para a industrialização do País. E o que está acontecendo definitivamente? Você começou o primeiro ano com a economia crescendo e eu começo o meu primeiro ano, do segundo mandato, com a economia crescendo. E para o próximo ano, qual é a perspectiva? A perspectiva é de que a economia vai crescer mais do que cresceu em 2007, vamos ter mais empregos do que tivemos em 2007, vamos ter mais distribuição de renda do que tivemos em 2007. Certamente a Transpetro, a Petrobras, depois do pré-sal – não é, José Sérgio Gabrielli? – vai contratar mais navios do que contratou até agora. A Vale do Rio Doce vai contratar mais navios e nós vamos finalmente recuperar a nossa Marinha Mercante, porque a gente não pode ficar tendo um prejuízo de 10 bilhões de dólares na nossa balança comercial na área de frete.

Mais ainda, companheiros e companheiras. Eu estou querendo afirmar para vocês que nós vivemos um momento inusitado neste País. A economia brasileira nunca esteve tão bem. Os sindicalistas estão aqui e sabem que, nesses últimos três anos, eles há muitas décadas não tinham feito acordos com ganho real de salário. E agora estão fazendo acordos acima dos salários. Mas o que mais me deixa gratificado, governador, é que você está vendo esta peãozada aqui. Eles não gostam mais de ser chamados de peão, porque já estudaram. Eles agora são mais chiques profissionalmente. Peão, era na minha década de 80. Mas, certamente, no começo do ano passado, muitos deles estavam desempregados. Olhe para a cara deles, Sérgio. A cara deles é a certeza de um pai de família. Um pai de família tem duas coisas sagradas: uma é ter uma casa para morar, a outra é poder trabalhar e levar para casa o pão de cada dia para o filho sem precisar de favor de ninguém, mas com o suor



do seu trabalho.

Está chegando o Natal. Todo mundo aqui, Sérgio, está pensando em comprar um presentinho para o seu filho. Por mais humilde que seja, eu espero que o estaleiro dê um presente para ele distribuir para os filhos. Porque no primeiro emprego que eu tive, em 1960, numa metalúrgica, eu trabalhava perto da empresa chamada Vemag, lá no Ipiranga, em São Paulo. E a indústria automobilística dava presentes maravilhosos para os trabalhadores. E a minha indústria, que era uma empresa pequena, chamada Fábrica de Parafusos Marte, me dava de presente um litro de vinho, daquele Sangue de Boi, que eu levava para casa. Mas eu gostava. Era humilde, mas eu gostava, porque era o primeiro que eu tinha ganhado. Até porque eu nunca ganhei um presente antes de começar a trabalhar. Eu sou daqueles brasileiros que o primeiro presente que eu ganhei foi eu mesmo que me dei. Comprei uma bicicleta velha, usada, em que eu passava mais tempo ajoelhado, consertando a corrente dela, do que andando. Esse pessoal, Sérgio, vai poder chegar neste final de ano, entregar um presente, por mais humilde que seja, para o seu filho ou para a mulher, não importa. O dado concreto, é que muitos deles passaram o ano desempregados, não foi pouco tempo que muita gente aqui ficou desempregada. E entrava Natal e saía Natal e esses companheiros não conseguiram levar para casa um presente para os filhos. Eles vão levar este ano. Certamente o Natal deste ano vai ser melhor do que o do ano passado. Vão poder comprar um franguinho, vão poder comprar um peruzinho, vão poder fazer uma ceia com a família. Não precisa champanhe caro, uma Sidra, mesmo, aquela doce, que os mais velhos gostam porque é doce. Mas eu tenho certeza absoluta que esses companheiros vão passar o Natal melhor do que passaram o ano passado. Vão até convidar os pais para ir à casa deles, vão convidar os parentes.

Agora, o que acontecia há dez anos? A Petrobras tinha uma diretoria e este País tinha um governo que imaginavam o seguinte: a Petrobras é uma empresa, ela tem ações na Bolsa de Valores de Nova Iorque, portanto, precisa



ganhar dinheiro, ela precisa ter mais lucro. Então, se ela tiver que contratar um navio ou uma plataforma aqui, e contratar em Singapura ou contratar na Noruega, eles pensavam o seguinte: são 100 milhões de dólares mais barato, são 200 milhões de dólares mais barato. Então, o interesse eminentemente empresarial e financeiro predominava nas decisões da nossa querida Petrobras, porque eles estavam perdendo a noção de que a Petrobras, por mais que tenha ações na Bolsa de Nova Iorque, é uma empresa nacional, é uma empresa brasileira, e precisa devolver para este País parte da riqueza que ela consegue extrair do nosso subsolo.

E o mesmo vale para a Rio Doce, José Sérgio. É muito bonito a gente ver a Vale do Rio Doce, com a importância que tem, contratando navios, mas não é só pegar o nosso minério e levar para fora. É produzir aqui dentro para gerar empregos e riquezas aqui dentro, senão este País não se transformará numa nação. Quando nós suspendemos os 41 blocos da Rodada Nona, 41 postos, foi uma atitude, José Sérgio, acertada da Agência, acertada da Petrobras e acertada do governo. Porque, a 7 mil metros de profundidade, aquele petróleo que está lá não é da Petrobras, não é da Agência, não é do nosso sócio. Aquilo é de milhões de brasileiros, de 190 milhões de brasileiros que não sabem nem o que é petróleo mas, por serem brasileiros, são donos de uma gotinha daquele petróleo que está lá embaixo e, por isso, nós fizemos bem de suspender.

Não é possível construir uma nação sem orgulho, não é possível construir uma nação sem projetos, não é possível construir uma nação sem auto-estima. É preciso que a gente tenha claro que, se o brasileiro não se sentir orgulhoso de ser brasileiro, não se sentir motivado, e se o Estado não devolver para ele essa motivação e esse orgulho em forma de emprego, em forma de saúde, em forma de melhoria na sua renda, as pessoas vão ficando desmotivadas.

Por isso, meu caro Sérgio Machado, cada vez que eu ouço aqui o apito



de um navio desses, eu fico pensando “meu Deus do céu, estamos levando 160 anos para voltar a construir aquilo que o Barão de Mauá começou a construir em 1846”. E o Barão de Mauá, que foi vítima da inveja, porque tinha uns políticos que começaram a dizer para o Imperador: “Olha, Imperador, o Barão de Mauá é metido demais, é besta demais. Ele está querendo fazer siderúrgica, ele está querendo fazer porto, ele está querendo fazer não sei das quantas, ele está mais importante do que você, a imprensa fala mais dele. Lá na Inglaterra só se fala no Barão de Mauá, lá em Portugal só se fala em Barão de Mauá”. E o Imperador foi ficando com ciúmes, e começou a prejudicar o Barão de Mauá. Essa é a verdade. Ele quebrou, foi embora, mas depois voltou e se recuperou.

O que está acontecendo agora na política nacional é isso. Eu fui eleito presidente em 2003. Alguns adversários imaginavam “ah, esse peão não vai dar certo. Imaginem, o cara só tem o primário, o cara tem um cursinho do Senai, acham que vai dar certo?” Pois bem, essa gente que pensava que nós íamos fracassar não sabe como lidar com o sucesso do País. A última deles é, agora, tentar tirar do Orçamento da União, 40 bilhões de reais, que é o orçamento da CPMF. Eles não falam que nós já desoneramos, nesses últimos 18 meses, 36 bilhões de reais. Não falam porque, na verdade, tem uma parte daqueles que são contra a CPMF, que não são contra porque o imposto é muito caro não. São contra porque a CPMF é o imposto mais justo para combater os sonegadores neste País, aqueles que não gostam de pagar. Essa é a verdade.

E veja aqui, Rio de Janeiro, trabalhadores, o Rio de Janeiro, em 2006, arrecadou, da CPMF, 3 bilhões e 600 milhões de reais, e foi devolvido para o Rio de Janeiro 2 bilhões e meio. Para quê? Para cuidar do Bolsa Família, para cuidar da Saúde, para cuidar da aposentadoria dos trabalhadores rurais. Eles pensam que se acabar com a CPMF vão me prejudicar. Nem um pouco. Primeiro, porque não sou mais candidato a nada. Meu mandato acaba em



2010. Sérgio, não vão te prejudicar. Eles vão prejudicar aqueles que mais necessitam desse imposto, que são os mais pobres deste País. Ou seja, toda vez que o País está indo bem, que as coisas estão acontecendo, aparecem algumas pessoas na perspectiva de tentar destruir o bom momento que o País está vivendo.

Eu quero dizer para vocês, quero dizer aos trabalhadores da indústria naval, aos empresários da indústria naval, que o Brasil nunca viveu o momento que está vivendo. Nunca! O Brasil está vivendo um momento tão extraordinário, que ele está combinando uma série de coisas que está permitindo que a gente possa crescer sem a inflação crescer, possa exportar, crescendo o mercado interno, possa diminuir os juros sem aumentar a inflação. Essa conquista que nós tivemos não é minha, não é do Sérgio Cabral, não é individualmente de nenhum de nós. Essa conquista é de 190 milhões de brasileiros que souberam ter paciência no sofrimento, que souberam compreender o sacrifício que nós fizemos em 2003.

Minha cara Jandira, só eu sei o que eu passei em 2003, porque era preciso fazer o ajuste fiscal. Foi preciso aumentar o superávit primário para 4,25, e aumentei porque eu tinha consciência, porque eu tinha capital político. Era preciso gastar o capital político para poder arrumar a casa. A casa está arrumada, os trabalhadores estão voltando ao trabalho, os trabalhadores estão voltando a sustentar a sua família com o suor e com o seu sangue. Os empresários brasileiros voltaram a ver o BNDES emprestar dinheiro. Os empresários brasileiros voltaram a acreditar neste País e a fazer investimento.

Não é apenas a indústria naval. A indústria de aviação, a Embraer, quando nós tomamos posse, tinha 12 mil trabalhadores, hoje está com 25 mil trabalhadores. A indústria automobilística nunca produziu o tanto que está produzindo. A indústria de caminhão nunca produziu e nunca vendeu tudo o que está vendendo e produzindo. Agora, tem alguém que não está feliz, tem alguém que quer atrapalhar.



E eu acho, Sérgio. Eu acho, meus companheiros trabalhadores, que nós não temos o direito de permitir que a inveja, que a soberba e que a mesquinhez de poucos possam prejudicar os milhões de homens e mulheres deste País, que passaram o século XX à procura de uma oportunidade, e ela se apresenta no século XXI, construída por nós. E nós precisamos garantir, porque o Brasil se transformará, no século XXI, numa grande potência econômica.

Muito obrigado. Que Deus nos abençoe e Feliz Natal para todos vocês.